

PROJETO FAROL E A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO ACESSÍVEL

em libras sobre a pandemia de coronavírus

Ludmila Carvalho ¹

Anderson Rafael Siqueira Nascimento ²

¹ Professora Dr. Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

² Professor Assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

RESUMO

No momento atual, de pandemia do Coronavírus, informações podem literalmente salvar vidas. Tanto o poder público como a imprensa as têm veiculado a todo instante, porém, cerca de 180 mil baianos podem estar sem o devido acesso às orientações do Ministério da Saúde ou da Organização Mundial da Saúde. Trata-se de pessoas surdas que utilizam a Língua Brasileira de Sinais como sua primeira língua e que não têm acesso às principais informações veiculadas oficialmente. Este trabalho apresenta o relato de experiência do Projeto Farol, Projeto de Extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que tem trabalhado no sentido de produzir materiais acessíveis em língua de sinais com recursos visuais para esse grupo.

Palavras-chave: acessibilidade linguística; cultura surda e Coronavírus; recursos visuais acessíveis.

THE LIGHTHOUSE PROJECT AND THE PRODUCTION OF ACCESSIBLE content in brazilian sign language about the coronavirus pandemic

ABSTRACT

At this time, when the world is dealing with the Coronavirus pandemic, information can literally save lives. Both the government and the press have been broadcasting information about the pandemic at all times; however, about 180 thousand people living in the state of Bahia/Brazil may be without proper access to the official guidelines from the Health Ministry and the World Health Organization. We are talking about deaf people who use the Brazilian Sign Language as their first language and, because of that, do not have access to the main information from official government sources. This paper aims to register the experience of the Lighthouse Project (Projeto Farol), from the Federal University of Recôncavo of Bahia in the production of accessible sign language material with visual aids for this group.

Keywords: linguistic accessibility; deaf community and the Coronavirus; accessible audiovisual resources.

PROYECTO FARO Y LA PRODUCCIÓN DE CONTENIDO ACCESIBLE en lenguaje de señas sobre la pandemia de coronavirus

RESUMEN

En este momento de pandemia de Coronavirus, la información literalmente puede salvar vidas. Tanto el gobierno como la prensa la han estado transmitiendo en todo momento, pero aproximadamente 180 mil personas nacidas en el estado de Bahia/Brasil, pueden estar sin acceso debido a las pautas del Ministerio de Salud o la Organización Mundial de la Salud. Hablamos de las personas sordas que usan el lenguaje de señas como lengua materna. A la luz de este escenario, el “Proyecto Farol” (Proyecto Faro en español) de la Universidad Federal de Recôncavo de Bahia há estado trabajando para producir materiales de lenguaje de señas accesibles con ayudas visuales para este grupo.

Palabras clave: accesibilidad lingüística; sordos y el coronavirus; recursos audiovisuales accesibles.

1. INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO O PROJETO FAROL

O Farol é um Projeto de extensão interdisciplinar criado e desenvolvido na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), com atuação nos diversos campi da Universidade, tais como o Campus do Centro de Ciências da Saúde, localizado no município de Santo Antônio de Jesus, e o Campus do Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas na cidade de Santo Amaro da Purificação. Criado em 2019, o projeto tem como objetivo principal fortalecer a integração da comunidade surda com a Universidade, visando a tornar discentes de diversos cursos da UFRB futuros profissionais bilíngues, aptos a acolher as demandas da comunidade surda em seu fazer profissional.

A imagem do Farol foi escolhida como símbolo deste projeto por representar orientação, proteção, segurança, esperança, fé e inspiração. O que nos vem à mente quando pensamos num barco à deriva em mar aberto? Perigo, solidão, desorientação... Agora imaginemos que de repente avistamos um farol, daqueles que estão nos fortes, nas costas marítimas, que orientam e mostram ao velejador, os perigos e a direção que ele pode seguir, mesmo tendo ao seu lado a companhia da escuridão noturna. Para os marinheiros e pescadores, o farol representa coragem para enfrentar a força do mar e o poder da natureza, além da devoção e o amor pela família.

Agora, o que vem à mente quando ouvimos a palavra surdo, surdez, deficiência auditiva? Em que abordagem os estudantes universitários estariam naturalmente sendo conduzidos? Parece que, num primeiro momento, a discussão poderia girar em torno da “deficiência”, da falha, e conseqüentemente da cura, da reabilitação, ou seja, em tornar esse sujeito não ouvinte o mais ouvinte possível, dotado da arte de oralizar (articular as palavras com a boca) a língua majoritária do país. É aí que esse projeto se apresenta com o propósito de orientação e de inspiração, para apresentar ou indicar a esses futuros profissionais da saúde ou da arte, uma outra perspectiva, a perspectiva socioantropológica.

Bisol e Sperb (2010) dizem que os discursos produzidos no campo das ciências são também marcados, desde sempre, pela racionalidade do momento social e histórico no qual são produzidos. Historicamente a visão clínica teve grande credi-

bilidade e em muito norteava o ponto de vista da sociedade sobre determinado tema. Não é diferente no caso da pessoa surda. A visão clínica parte do princípio de uma normalidade, do que é saudável, comum. Nessa perspectiva, qualquer sujeito que fuja ao padrão, que nesse caso é ser ouvinte e falante de uma língua de modalidade oral auditiva deve ser tratado e levado à norma. Observa-se, sumariamente, duas posições: a defesa do ensino da língua oral, como garantia de inclusão social para os que eram considerados deficientes e a defesa do direito de usar a língua de sinais como representação de um grupo social minoritário – sem a marca da deficiência, antes, pela diferença (SKLIAR, 2005).

Segundo Lacerda (2011), foi somente a partir de 1878 que os surdos tiveram o direito a assinar documentos, saindo da “marginalidade” social; estes, no entanto, ainda estavam distante da possibilidade de uma verdadeira integração social. Pouco depois, em 1880, o Congresso de Milão trouxe mudanças drásticas nos encaminhamentos para a educação de surdos. O congresso foi preparado por uma maioria oralista, entre eles, Alexander Graham Bell, que acreditava que o melhor método para o ensino de surdos se dava pelo uso da articulação da voz. Com o objetivo de mostrar a superioridade do método, apresentaram muitos surdos que falavam bem. Além disso, a maioria dos congressistas eram ouvintes e, embora houvesse discussões acaloradas, apenas seis membros votaram contra o método oralista. Eles acreditavam que o uso de gestos e sinais desviava o surdo da aprendizagem da língua oral, que era o mais importante do ponto de vista social. Essa decisão teria impactos profundos no que viria a seguir.

Dada a importância e reconhecimento dessa instância que discutia a educação de surdos, a língua de sinais passou a ser proscrita na maioria dos países, especialmente na Europa e América Latina. Entre os seis membros que votaram contra o método oralista puro estava Thomas Gallaudet, que vinha desenvolvendo nos Estados Unidos um trabalho baseado nos sinais metódicos do abade De L’Epée, e tinha em seu argumento casos de sucesso de seus alunos, e os usava para contra argumentar o método oralista (Sachs 1990; Lane 1989).

Era comum que as pessoas surdas que tivessem acesso à educação formal fossem submetidas ao treinamento de fala e leitura labial, embora algumas metodologias usassem ou permitissem o uso concomitante de sinais. É a partir daí que a língua de sinais passa a ser vista como prejudicial e não mais tolerada. A figura do professor surdo sinalizante desaparece das instituições de ensino.

Essa breve retomada histórica tem o propósito de situar como a perspectiva clínica de reabilitação da fala foi presente e deu os encaminhamentos nos rumos da educação de surdos, e como isso impactou no modo com o qual a sociedade percebeu os surdos. Essa proscricção que mencionamos anteriormente durou aproximadamente um século. Foi somente a partir da década de 1960 que pesquisas linguísticas foram iniciadas indicando que a língua de sinais americana possuía as mesmas estruturas das línguas orais. Com o suporte das pesquisas linguísticas, bem como o advento de grupos minoritários que lutavam por direitos civis na década de 1970, especialmente nos Estados Unidos, os surdos passaram a se organizar e lutar por reconhecimento.

A língua de sinais começa a sair dos guetos, da proscricção, e passa a ser vista em outros contextos. No Brasil, os movimentos surdos começam em meados da década de 1980 e buscam o reconhecimento da Libras, e o direito de usá-la. Mas foi só em 2002, com a lei 10.436 que a Libras recebe o reconhecimento como sendo um meio legal de comunicação das comunidades surdas brasileiras. Diante do exposto, as pessoas surdas não se percebem e não se apresentam a partir da falta do sentido da audição. Esse é um elemento que não tem importância para eles. Tal perspectiva socioantropológica não parte da deficiência e sim das diferenças linguísticas, culturais e demandas comuns entre seus pares.

2. APROXIMAÇÕES DA COMUNIDADE SURDA COM A UNIVERSIDADE

É, portanto, a partir dessa perspectiva sócioantropológica que o Projeto Farol desenvolve suas atividades, com o intuito de fortalecer a Libras no ambiente acadêmico universitário, aproximando cada vez mais os discentes da UFRB da Comunidade Surda da região do Recôncavo Baiano. Segundo dados do IBGE, existem no Brasil cerca de 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva (IBGE, 2010). Dentre esses estão as pessoas surdas que utilizam e são reconhecidas como usuários da Libras – Língua Brasileira de Sinais. O mesmo censo indicou que nos 33 municípios que compõe o Recôncavo da Bahia existem 40.420 pessoas que se declararam com alguma deficiência auditiva, o que representa 5,57% da sua população. Essa parcela significativa da sociedade tem direito de acesso à comunicação, direito básico fundamental. A comunidade surda tem buscado e, aos poucos, conquistado mais espaço.

A UFRB, por meio da Resolução 14/2009, tornou o componente de Libras optativo a todos os Bacharelados e obrigatório a todas as Licenciaturas com uma carga horária de 68 horas. O projeto Farol pretende ampliar o alcance do componente através da integração com a extensão universitária, extrapolando os limites da sala de aula para oportunizar novos encontros e metodologias. Para isso, foi criado um perfil na rede social Instagram (@ccslibras) na qual discentes participam ativamente de todas as etapas da elaboração, preparação e divulgação de vídeos das temáticas nacionais em Libras. Foram produzidos os seguintes vídeos: apresentação do perfil, apresentação do CVV - Centro de Valorização da Vida em Libras, setembro surdo, mês histórico de celebrações dos surdos brasileiros, outubro rosa com informações sobre câncer de mama, violência contra a mulher e novembro azul. Entre as ações do projeto de extensão estão encontros regulares dos estudantes com a comunidade surda, como o CineLibras que reuniu surdos da comunidade de Santo Antônio de Jesus para a apreciação e discussão de um disponível com tradução para a Libras. O primeiro evento contou com a participação de 13 surdos.

Figura 1 – Registro do 1 encontro CineLibras



Fonte: Acervo pessoal

Em comemoração ao Dia Nacional dos Surdos, em 26 de setembro, organizamos o 1º Café com Libras, que teve como objetivo proporcionar um encontro social dos surdos da região, apresentar suas vivências, piadas, reflexões, promover seu empoderamento. Atividades comuns nas associações de surdos, mas que a região do Recôncavo Baiano ainda não possui. Nesta ocasião tivemos a presença de 18 surdos e de alguns familiares.

Figura 2 – Registro do encontro Café com Libras



Fonte: acervo pessoal

O projeto, desde seu início, envolveu acadêmicos de vários cursos, entre estudantes, professores, técnicos administrativos da UFRB e de outras instituições. A partir destas ações pontuais, surdos e seus familiares têm frequentado o campus da Universidade e demonstrado adesão ao projeto. Com isso, possibilitamos visibilidade à sociedade sobre esse sujeito, apresentando a comunidade surda como grupo social político e organizado, a Libras como sua língua, e toda a cultura surda. Pretende-se, desta forma, não apenas habilitar o discente da UFRB para acolher a comunidade surda, e tornar a UFRB um espaço acolhedor e de encontro, local de compartilhamento de histórias de vida, experiências e sentimentos, mas também apresentar a Universidade à comunidade surda como opção de acesso ao ensino superior.

3. A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS E A COMUNIDADE SURDA

Desde o surgimento da pandemia de Coronavírus pelo mundo, no início do ano de 2020, e em particular no Brasil, nos últimos meses, temos assistido a uma enxurrada de informações, notícias e divulgações de procedimentos, normas e pronunciamentos dos órgãos oficiais de saúde. Novas descobertas científicas sobre o Coronavírus são divulgadas diariamente, e as informações oficiais a respeito da pandemia se transformam e se acumulam em grande velocidade. Apesar deste cenário de excesso de informações, no entanto, percebe-se a falta de ampla divulgação das informações as mais básicas, inclusive aquelas advindas dos órgãos oficiais governamentais, para a comunidade surda no Brasil e na Bahia, a despeito do direito assegurado de acesso à tais informações.

O inciso III do Art. 76 da Lei Brasileira de Inclusão (Lei 13.146/2015) determina que seja garantido que “os pronunciamentos oficiais, a propaganda eleitoral obrigatória e os debates transmitidos pelas emissoras de televisão possuam, pelo menos, os recursos elencados no art. 67 desta Lei”. O artigo citado diz na íntegra:

Art. 67. Os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros:

I - subtitulação por meio de legenda oculta;

II - janela com intérprete da Libras;

III - audiodescrição.

Observem que há três recursos que os pronunciamentos oficiais devem contemplar. A legenda oculta é um importante recurso e contempla uma grande parcela de pessoas com deficiência auditiva e que necessita da escrita da língua portuguesa. Pense nas inúmeras pessoas que por alguma razão perderam a audição e tem pleno domínio da língua portuguesa na modalidade escrita. Esse recurso possibilita que acompanhem a programação exibida.

A janela com intérprete de Libras é outro recurso importante, no entanto ela é direcionada a outro público, às pessoas surdas usuárias de Libras. Não podemos precisamente dizer quantos surdos usuáries de Libras temos no Brasil, visto que o IBGE (2010) não contemplou essa informação, apenas subdividiu em pessoas que ouvem com dificuldade, que ouvem com muita dificuldade e que não ouvem de modo algum. Conforme apresentado anteriormente, as pessoas surdas são um grupo minoritário político, o que significa que tem seu modo de organização. Temos com isso uma dificuldade de identificar, na metodologia que a pesquisa foi feita, quantos são de fato usuáries de Libras.

O decreto 5626/2005 definiu “pessoas surdas” como aquelas pessoas com deficiência auditiva que usam Libras como principal meio de comunicação e interação com o mundo. Ora, não se define quem usa a Libras pela quantidade de decibéis a que o sentido da audição responde. Há surdos que, em nível de decibéis, reagem a barulhos em níveis mais sensíveis que outros mas que em suas experiências e preferências estão com o uso da Língua de Sinais. Já outros talvez decidam tentar oralizar, fazer uso da leitura labial e não reagem a nenhum estímulo auditivo. Considerando que as emissoras de televisão disponibilizam o recurso de legenda oculta, podemos dizer que o grupo de pessoas com deficiência auditiva que dominam a língua portuguesa na modalidade escrita estão contemplados.

Ressalta-se que a língua portuguesa é a segunda língua para as pessoas surdas e que muitos surdos sentem dificuldade em compreender o que está escrito nas legendas e, ainda assim, depreende um grande esforço mental para decodificação do léxico apresentado e do seu valor semântico. Para outros, a Libras é o único recurso para comunicação. Este direito tem sido negligenciado pelo poder público, sobretudo nas esferas municipais e estaduais, e pelas emissoras de televisão.

Figura 3 – Pronunciamento oficial do Presidente da República em 24/03/2020



Fonte: Reprodução/YouTube/ TV BrasilGov. disponível em https://www.youtube.com/watch?time_continue=31&v=VWsDeYK4STw&feature=emb_logo

Figura 4 - Coletiva de imprensa do Presidente da República em 24/04/2020



Fonte: Reprodução de imprensa Foto: Cláudio Reis/FramePhoto/Estadão, disponível em <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/24/leia-integra-do-discurso-de-bolsonaro-apos-demissao-de-moro.htm>

Figura 5 - Pronunciamento oficial do Governador do Estado da Bahia em 23/03/2020



Fonte: Reprodução/YouTube/ Governo da BA

Figura 6 - Pronunciamento oficial do Prefeito Municipal de Salvador em 15/04/2020



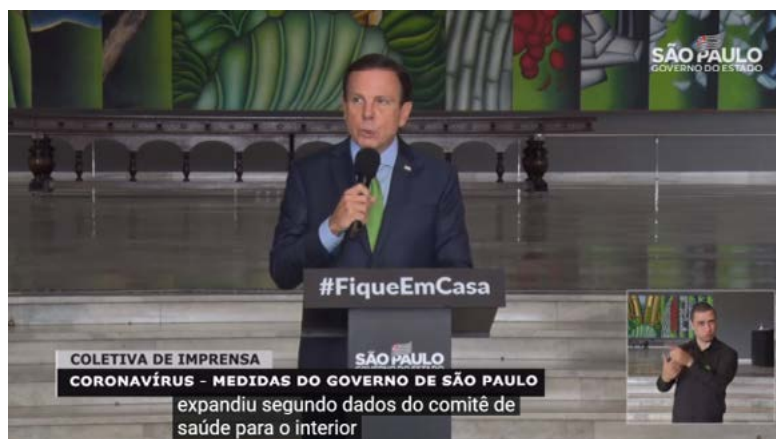
Fonte: Reprodução de imprensa. Foto: Max Haack/Secom/PMS, disponível em: <https://www.metro1.com.br/noticias/cidade/90566.coronavirus-acm-neto-anuncia-corte-do-proprio-salario-na-prefeitura-de-salvador>

Figura 7 - Coletiva de Imprensa do Governador do Estado da Bahia e do Prefeito Municipal de Salvador em 08/05/2020



Fonte: Reprodução/YouTube/ Governo da BA

Figura 8 - Pronunciamento oficial do Governador do Estado de São Paulo em 06/05/2020



Fonte: Reprodução/YouTube/ Governo de SP

As imagens acima foram retiradas de sites da Internet e páginas oficiais e nos permitem fazer uma breve análise de como o poder público tem se posicionado em questão de acessibilidade das informações oficiais sobre a pandemia. As figuras 3, 5, 6 e 8 são pronunciamentos oficiais, nos quais observa-se que apenas nas situações retratadas nas imagens 3 e 8 tanto a legenda como o intérprete de Libras são disponibilizadas. Diferem apenas no formato da legenda. Na imagem, o telespectador não tem a opção de desligar a legenda, visto que ela não é oculta. Já na imagem 8, o recurso de legenda é oculto e está disponível apenas como ferramenta automática no YouTube. Na situação retratada na figura 5 a legenda é disponibilizada e na situação retratada na figura 6 não há nenhum recurso de acessibilidade disponibilizado. Os pronunciamentos são situações que normalmente passam por filmagem e edição, e disponibilizar os recursos para torná-lo acessível não parece ser um desafio para as instituições envolvidas.

A situação retratada nas imagens 4 e 7 são coletivas de imprensa. Na figura 4 é possível perceber a presença do intérprete de Libras, as legendas disponibilizadas são ocultas. A figura 7 mostra uma coletiva de imprensa on-line. Observa-se que não há interpretação para Libras e a legenda disponibilizada é a ferramenta automática disponível pelo YouTube. Por ser automática, ela apenas reconhece as palavras e as traduz, estando, portanto, suscetível a erros. Quando observamos a imagem 7, vemos

que a legenda não é coerente. Diz: “bahia ou está com a prova aí na fila referência também”, uma frase que é de difícil compreensão. Caberia a um funcionário revisar as legendas antes de disponibilizá-las, o que visivelmente não ocorreu.

É evidente, portanto, que o poder público, especialmente na Bahia não tem cumprido a legislação que garante a eliminação de barreiras. E o que dizer das emissoras de televisão? Elas também não têm contribuído nesse aspecto. Nenhuma emissora de televisão aberta nem das suas afiliadas na Bahia disponibiliza intérpretes de Libras durante a sua programação, o que faz manter a barreira comunicacional. Nesse sentido surdos baianos passaram a fazer apelos nas redes sociais por acessibilidade. Diante de uma pandemia, em que a informação confiável pode salvar vidas, é urgente que o poder público cumpra seu papel, que está muito claramente especificado na LBI e que as emissoras de TV e suas afiliadas repensem seu papel social e assumam sua responsabilidade em tornar informações tão importantes acessíveis.

4. PRODUÇÃO DE MATERIAL EM LIBRAS SOBRE O CORONAVÍRUS

No dia 17 de março de 2020, através da Portaria Nº 322/2020, a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia suspendeu por tempo indeterminado as atividades letivas de graduação e pós-graduação presenciais em todos os seus campi como forma de evitar a propagação do Coronavírus. Assim, os encontros semanais do Grupo Farol não seriam mais possíveis. Partiu dos estudantes no grupo de WhatsApp a iniciativa de fazer algumas ações de forma remota. O Projeto Farol reuniu-se por videoconferência e definiu novas metas no sentido de diminuir a defasagem de informações sobre o novo Coronavírus e a Covid-19 em Libras. Atuam nessa fase do projeto um docente da UFRB, 14 estudantes dos diferentes cursos da área da saúde do Centro de Ciências da Saúde.

A partir daí, o Grupo se mobilizou e, dada a especificidade do trabalho que desenvolveria e na velocidade com que precisaria ser feito, convidamos um estudante de psicologia surdo para a revisão linguística e percepção do material, dando a ele o devido lugar de fala. Desenvolvemos uma série de 7 vídeos sobre o novo Coronavírus e disponibilizamos no perfil do Instagram. Os temas foram selecionados e divididos entre os estudantes. Cada um deles fez sua pesquisa científica e elaborou um texto em língua portuguesa, que foi posteriormente traduzido para Libras. Uma versão preliminar era então disponibilizada e discutida com o novo membro surdo e com o professor. Após os apontamentos a gravação final era autorizada e novamente revisada. Após isso era encaminhada para outra estudante responsável pela edição e postagem no Instagram.

Figura 10 – Reprodução das capas dos vídeos produzidos pelos alunos



Fonte: acervo pessoal

As repercussões do trabalho foram muito grandes. Veículos da mídia impressa, digital e televisiva nos procuraram para falar sobre o projeto. Foi divulgado no portal oficial da UFRB, no Jornal Virtual Tribuna do Recôncavo, no Jornal impresso e digital O Correio de Salvador, Revista Virtual Trip de São Paulo, TV Subaé de Feira

de Santana e TV Bahia de Salvador. Mas para além do projeto ganhar repercussão na mídia local e nacional, nosso objetivo era atingir as pessoas surdas e recebemos muitas manifestações sinalizando o interesse e gratidão pelo material disponibilizado.

No entanto, uma questão sempre nos intrigava, que perguntas os surdos se fazem sobre esse tema? Inspirados num programa vinculado em uma grande emissora de TV aberta, criamos o programa os “Surdos Perguntam: Coronavírus”.

Figura 11 – Frame do vídeo “Surdos Perguntam”



Fonte: acervo pessoal

Assim, selecionamos 20 perguntas enviadas por surdos do Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Estados Unidos e Dinamarca e convidamos para responder o médico Vinícius Miranda, profissional que passou a tornar-se membro colaborador externo do projeto, e o cirurgião dentista e implantodontista Kaio Soares. Esse vídeo foi disponibilizado em língua portuguesa, com legenda fixa e tradução para Libras e em 24 horas o vídeo atingiu mil visualizações, além de recebermos muitas mensagens de agradecimentos escritas e em vídeo de surdos. Ainda há muito trabalho a fazer e um outro tipo de surdos nos preocupa, os que não tem pleno domínio da Libras, adultos ou crianças, que precisam mais do que apenas um tradutor usando sinais técnicos para explicar uma pandemia e os cuidados. Surge uma outra produção.

5. PRODUÇÃO DE ANIMAÇÃO ACESSÍVEL SOBRE O CORONAVÍRUS

Após a repercussão positiva da primeira etapa das ações do Projeto Farol no contexto do Coronavírus, pensou-se na realização de uma animação acessível em Libras com informações importantes sobre, entre outras coisas, o processo de contágio do vírus e a necessidade do isolamento social. Sabe-se que o cinema, e em particular o cinema de animação, é uma linguagem artística com características calcadas na visualidade, o que lhe possibilita transmitir histórias, narrativas e informações de forma direta, visual e (ao menos teoricamente) acessível. Além disso, a animação costuma ser uma linguagem flexível e amplamente acessível a um grande número de pessoas de diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de escolarização e tem, justamente por isso, sido amplamente utilizada na cobertura midiática da pandemia de forma geral. Apesar disso, são poucas as ofertas de produtos audiovisuais destinados primordialmente, ou mesmo totalmente acessíveis, à comunidade surda. Tendo em vista a necessidade de acesso rápido e direto a informações fundamentais no período de calamidade de saúde pública pelo qual passa o Brasil, a linguagem audiovisual se apresentou como algo profundamente relevante.

Neste momento, são agregados ao projeto alunos do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Artes, especificamente do componente Tecnologias Audiovisu-

ais e que estavam, antes da suspensão das atividades acadêmicas, trabalhando sobre a linguagem da animação quadro a quadro, também conhecida como stop motion. Pensou-se, a partir daí, na oportunidade de juntar as experiências do projeto Farol com o trabalho desenvolvido no componente acerca da linguagem audiovisual, num projeto interdisciplinar de produção de uma animação acessível em Libras.

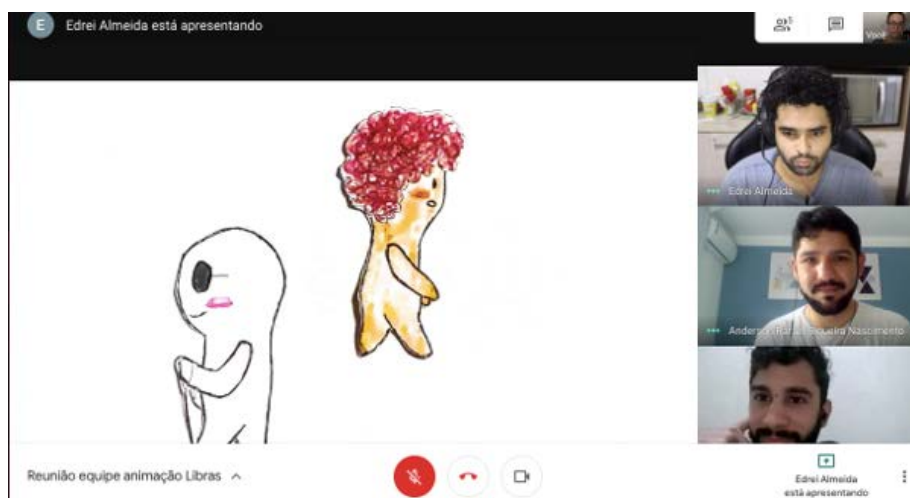
Após uma primeira reunião entre os docentes para o estabelecimento do projeto e de alguns procedimentos, foram selecionados alunos interessados na realização da animação, e a partir daí teve início um processo colaborativo à distância que envolveu desde o desenvolvimento do conceito, da estética da animação, até a técnica de filmagem da animação em stop motion e todo o processo de pós-produção do vídeo. É importante ressaltar que a viabilização de tal empreendimento em pleno isolamento social envolveu diversas videoconferências como as ilustradas na figura 12, com docentes em Salvador e discentes em suas residências nos municípios baianos de Santo Amaro, Santo Antônio de Jesus, Feira de Santana e Fortaleza, CE. Após uma primeira videoconferência envolvendo toda a equipe para discutir o conceito e a linguagem da animação, os discentes tiveram autonomia para propor abordagens e ideias para o projeto.

Figura 11 – Croqui de personagens desenvolvidos pelos alunos



Fonte: acervo pessoal

Figura 12 – Captura de tela de videoconferência para a realização da animação



Fonte: acervo pessoal

Figura 13 – Captura de frame do vídeo em etapa de pós-produção

Fonte: acervo pessoal

Numa segunda reunião virtual, decidiu-se o roteiro e elaborou-se conjuntamente o storyboard, que é a visualização quadro a quadro, de como ficaria o produto final. Os estudantes puderam perceber, na prática, a importância da concepção narrativa e estética na direção de arte da animação, em que cada imagem possui um significado e cada quadro precisa ser pensado e concebido de acordo com tal significado. Os personagens, cenários e enredo foram concebidos pensando primordialmente na acessibilidade da informação a ser transmitida, no fato de que no vídeo precisaria ser autoexplicativo para a comunidade surda em geral – tanto aquela que tem letramento em Libras quanto a que não tem. Além disso, priorizou-se em primeiro plano a figura da intérprete, justamente para marcar que este seria um vídeo feito primordialmente para a comunidade surda, e não apenas um produto adaptado. Croquis dos personagens e cenários foram inteiramente elaborados e desenhados à mão por discentes do curso de Licenciatura em Artes, depois digitalizados e animados utilizando a técnica de stop motion, que consiste na fotografia quadro a quadro de cada movimento do desenho. Após esta laboriosa etapa, seguiu-se a pós-produção do vídeo, com a inserção da intérprete de Libras, a legendagem e a finalização, todas etapas realizadas remotamente por estudantes da UFRB.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado variáveis importantes como a distância física entre docentes e discentes, a falta de acesso a equipamentos como estúdio de gravação e câmeras e a inconstância do acesso à internet, entre outras dificuldades, torna-se importante ressaltar o caráter colaborativo que foi necessário para a realização deste empreendimento em pleno momento de pandemia, de precarização do trabalho e de suspensão das atividades presenciais na Universidade. Momentos de tensão, angústia e incerteza foram transformados em processos preciosos de ensino-aprendizagem, nos quais os discentes mostraram proatividade, criatividade, autonomia e espírito colaborativo.

Os resultados dessa ação interdisciplinar e multiprofissional de esforços gerou bons resultados que se estenderão muito adiante. Vários estudantes e profissionais mobilizaram-se a pensar sobre a falta de acessibilidade de parcela da população a informações tão importantes, tornando-os sensíveis ao tema. Infelizmente, devido ao prazo para a submissão deste call for papers, o vídeo com a animação ainda não havia sido finalizado quando da escrita deste relato de experiência. Gostaríamos de incluir, aqui, as impressões e o retorno das pessoas surdas sobre o produto final. Mas

estamos confiantes de que ele produzirá o efeito pretendido: informar para preservar vidas.

7. REFERÊNCIAS

BISOL, C.; SPERB, T.M. Discursos sobre a surdez: deficiências, diferença, singularidade e construção de sentido. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Rio Grande do Sul. v. 26, n. 1, p. 7-13, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v26n1/ao2v26n1.pdf> Acesso em 07 de maio de 2020.

BRASIL, 2002. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras – e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 07 de maio de 2020.

BRASIL, 2005. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília. 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm Acesso em: 07 de maio de 2020.

BRASIL, 2015. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm; acesso em: 07 de maio de 2020.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Acompanha 1 CD-ROM.

CONSELHO ACADÊMICO DA UFRB. Aprova a inserção da Língua Brasileira de Sinais - Libras como componente curricular obrigatório para os cursos de Licenciatura e optativo nos cursos de Bacharelados e Superiores de Tecnologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. **Resolução n. 14, de 3 de junho de 2009**. Disponível em: <https://www1.ufrb.edu.br/nupi/images/documentos/resolucao-14-09-conac.pdf> Cruz das Almas. Acesso em 10 de maio de 2020.

LACERDA, Cristina B.F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cad. CEDES** [online]. 1998, vol.19, n.46, pp.68-80. ISSN 0101-3262. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32621998000300007&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em 07 de maio de 2020.

LANE, H. **Il ragazzo selvaggio dell’Aveyron**. Padova: Piccin, 1989.

SACKS, O. **Vendo vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

SKLIAR, Carlos. “Os Estudos Surdos em Educação: problematizando a normalidade”. In: _____ (org.). **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 3. ed, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA. Suspensão das atividades. **Portaria nº 322, de 17 de março de 2020**. Boletim de Pessoal – Ano XIV – Nº 049/2020 – 17 de Março de 2020. PROGEP. Disponível em: <https://ufrb.edu.br/progep/documentos/category/72-ano-2020?download=3692:boletim-de-pessoal-n-049-2020> Acesso em 09 de maio de 2020.